



O Modernismo Brasileiro: contexto histórico

Cintia Rufino Franco da Silva

A sociedade brasileira passou, na década de 1920, por diversas transformações que serão cruciais para a compreensão do surgimento do movimento modernista no Brasil com suas características tão peculiares.

O país passava por grandes mudanças estruturais, inclusive com a urbanização e a chegada de novas tecnologias (rádio, telefone, o automóvel e o cinema) que transformavam o ritmo de vida e o cenário das grandes cidades, fazendo-se necessárias então, para alguns autores, novas maneiras de comunicação poética.

A economia passava do modelo agroexportador para uma economia que se industrializava progressivamente. A expansão cafeeira começou a experimentar um enorme crescimento econômico e a riqueza gerada por essa situação transformou-se em investimentos em diversos setores da economia, principalmente o industrial.

A formação de um operariado constituído em grande parte pela imigração estrangeira provocava nos principais centros urbanos, sob a ação das vanguardas operárias anarquistas, as primeiras agitações sociais.

No tocante a política brasileira percebe-se, neste momento, conflitos entre tendências políticas diversas e contradições no interior das elites agrárias dominantes e às insurreições desencadeadas pelos jovens oficiais contestadores, que combatiam o monopólio do poder dos partidos republicanos regionais e dos chefes políticos que



recorriam à fraude eleitoral e às intervenções militares nos Estados a fim de controlar o regime conforme seus interesses.

As divergências no interior do bloco agrário dominante tiveram quase sempre suas raízes nas lutas em torno da sucessão presidencial. Essa sucessão para o cargo presidencial consistia em equilibrar os interesses, dos Estados de Minas Gerais e São Paulo, através das candidaturas alternadas de presidente e vice-presidente de ambos os Estados, a chamada política do café-com-leite, mecanismo de alternância no poder das elites civis paulistas e mineiras entre 1894-1930.

Em 1922, seguindo o modelo de sucessão presidencial previsto na política dos governadores, São Paulo articulava a sucessão do candidato Epitácio Pessoa, embora o escolhido tenha sido o mineiro Artur Bernardes. O lançamento de Artur Bernardes a corrida presidencial, gerou uma grande discordância entre as oligarquias regionais.

A insatisfação entre as oligarquias que não estavam ligadas ao café revelava o descontentamento com a política de desvalorização cambial e de endividamento externo para garantir a valorização do produto.

Assim, no Rio Grande do Sul formou-se a Reação Republicana, reunindo gaúchos, pernambucanos, cariocas e baianos, e apresentando o nome de Nilo Peçanha como opção a presidência. Essa divergência entre as elites oligárquicas na chamada república café-com-leite culminará na Revolução de 30.

Quincas Berro D'Água (2010)

Daniel Gomes

Um dos maiores problemas do cinema brasileiro, e em alguns outros locais do mundo, é tentar realizar, num único filme, várias coisas ao mesmo tempo, tendo vários temas onde não se cabem tê-los. E Quincas Berro D'água (2010) não poderia ser tão diferente. Dirigido por Sérgio Machado, de Cidade Baixa, tentou fazer uma adaptação, que não é de toda ruim, para o cultuadíssimo livro de Jorge Amado A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água. De uma maneira geral, parte do livro está ali e parte da visão do próprio diretor, que também fez o Roteiro do filme, está aqui e acolá. Enfim, uma mistura de conceitos que funciona em parte e outra não.

Um filme que se vende no trailer como de comédia, tal qual As Aventuras de Agamenon, não consegue em nenhum momento dos seus 104 minutos conseguir soltar uma só gargalhada, riso ou um leve sentimento de alegria, para com este aqui que vos fala, as piadas são fáceis, mesmo aquela que sempre dá para rir um pouco, que são as de flatulência, interpretadas sem qualquer sutileza pela Tia Marisa (Walderez de Barros) e sem um quê sutil de comédia existente no livro original.

Mas antes de continuar a crítica sobre o filme, vamos a sinopse:

“Rei dos botecos, bordéis e gafeiras da Bahia, o ex-funcionário público Quincas Berro d'Água é encontrado morto em sua cama. Inconformados com sua morte, seus melhores amigos “roubam” o corpo e o levam para uma última noite regada a festa e



muita bebida. Em meio a mil confusões, Quincas “vive” a sua segunda e definitiva morte, desta vez como sempre sonhou. Baseado na obra de Jorge Amado.”

De maneira geral o filme retratou uma parte conhecida da sociedade baiana de quando foi ambientado o mesmo, e podemos por em prática a nossa imaginação e estender os acontecimentos ali mostrados pelo resto do Brasil. Temos uma dualidade atroz quando a Vanda (Mariana Ximenes, que trabalhou muito bem no filme) se vê no mundo o seu pai realmente viveu e morreu (Paulo José), onde mostra um mundo completamente diferente daquele em que vivia. Onde os ricos se mostravam pomposos, e onde seu pai era infeliz, e a pobreza urbana de Salvador, que, no meio de marinheiros, prostitutas e capoeiristas ele encontrou o seu quinhão de felicidade.

E lá no encontro de seu pai, encontrara os fieis amigos de Quincas que, como se diz no filme: “O pelotão não pode abandonar o seu comandante.” E, a partir da turma ali encontrada que era composta por Pastinha (Flávio Bauraqui), Pé de Vento (Luis Miranda), Cabo Martin (Irândhir Santos) e Curió (Frank Menezes), a mobilidade do filme daria início. Uma trama no qual, movido a cachaça e o sentimento de que ainda existia uma fagulha de vida no corpo do defunto, eles saem, junto com Quincas, para comemorar o resto do dia do aniversário do Comendador, e, na forma de narrador, o morto faz comentários mordazes de sua vida e de sua própria morte.

O filme consegue extrapolar um pouco a qualidade dos filmes brasileiros por se mostrar bastante coeso quanto obra cinematográfica, mas, ainda assim, não se mostra algo com um potencial que será lembrado num futuro distante, tais quais os filmes como Cidade de Deus, Carandiru e Tropa de Elite.



Faltou aqui, no Diretor, a vontade de criar uma obra baseada num dos mais cultuados autores brasileiros de uma forma mais pessoal, se, necessário, adaptando e até mesmo melhorando a história para o ritmo mais visual do cinema. Quem sabe um dia, o cinema brasileiro cause uma diáspora em si e acabe com o estigma que nossos filmes só tem palavrão ou comédia barata.

Nota: 6/10.